



GOVERNO DA PARAÍBA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES  
POLO DE ARARUNA

RAFAELA DAYNE RIBEIRO LUCENA

**O ENSINO DE LITERATURA NA EEEFM SENADOR HUMBERTO  
LUCENA E SUA APLICABILIDADE NO ENSINO MÉDIO REGULAR**

Araruna – PB

2014

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

**O ENSINO DE LITERATURA NA EEEFM SENADOR HUMBERTO LUCENA E SUA  
APLICABILIDADE NO ENSINO MÉDIO REGULAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, Polo de Araruna, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Fundamentos da Educação, sob a orientação da Prof. Dra. Rosilda Alves Bezerra.

Araruna – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L935e Lucena, Rafaela Dayne Ribeiro.  
O ensino de literatura na EEEFM Senador Humberto Lucena e sua aplicabilidade no Ensino Médio regular [manuscrito] / Rafaela Dayne Ribeiro Lucena. – 2014.  
39 f. : il. color.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Departamento de Letras"

1. Ensino de Literatura. 2. Ensino Médio. 3. Literatura brasileira. I. Título.

21. ed. CDD 400

RAFAELA DAYNE RIBEIRO LUCENA

**O ENSINO DE LITERATURA NA EEEFM SENADOR HUMBERTO LUCENA E SUA  
APLICABILIDADE NO ENSINO MÉDIO REGULAR**

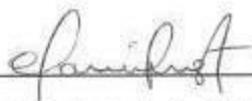
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, Polo de Araruna, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Fundamentos da Educação, sob a orientação da Prof. Dra. Rosilda Alves Bezerra.

Aprovada em 06 de dezembro de 2014.

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Drª Rosilda Alves Bezerra (Orientadora/UEPB)



Profª. Drª Maria Suely da Costa (1ª Examinadora/UEPB)



Profª. Drª Alessandra Gomes Brandão (2ª Examinadora/UEPB)

Araruna – PB

2014

A Deus que tudo permite e a lembrança de um carinho maternal que se foi há quase dez anos atrás deixando enormes saudades, dedico.

Agradeço a todos os Mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica até o prezado momento, aos colegas de turma pelo apoio mútuo durante cada módulo deste curso, aos amigos que sempre me incentivam para que eu possa progredir cada vez mais em minhas pesquisas, a minha irmã e ao meu marido que se alegram com as minhas conquistas e finalmente a professora Rosilda Alves pela disponibilidade e paciência em me orientar neste trabalho.

**A palavra não foi feita para enfeitar.  
Brilhar como ouro falso.  
A palavra foi feita para dizer.**

(Graciliano Ramos)

## RESUMO

O presente trabalho problematiza o ensino da literatura brasileira na escola, a partir da observação participante do ensino da literatura na EEEFM Senador Humberto Lucena. Busca-se com este estudo, mostrar os problemas e as possibilidades existentes nesta escola com relação ao ensino da literatura. Tomamos como aporte teórico os postulados de Todorov (2008), Moisés (2007), Soares (2007), Bueno (2002), Colomer (2007), Geraldi (2012), dentre outros, para demonstrar a importância do ensino da literatura brasileira na escola.

**Palavras – chave:** Literatura, Ensino Médio, Escola

## **ABSTRACT**

This work discusses about the Brazilian literature teaching at school, from the participant observation of literature teaching at EEEFM Senador Humberto Lucena. Search up with this study, show the problems and possibilities existing in this school about literature teaching. As theoretical support, we can point the works by Todorov (2007), Bueno (2002), Colomer (2007), Geraldi (2012), among others, in order to demonstrate the importance of Brazilian literature teaching at school.

**Key – words:** Literature, High school, School

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1. O ENSINO DA LITERATURA BRASILEIRA NA ESCOLA.....	12
1.1 ENSINO TRADICIONAL: O FALSEAMENTO DA LITERATURA .....	13
1.2 GÊNEROS LITERÁRIOS EM SALA DE AULA.....	16
<b>2 A ESCOLA SENADOR HUMBERTO LUCENA E O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO REGULAR .....</b>	<b>22</b>
2.1 ENSINO MÉDIO E A LITERATURA CRONOLÓGICA .....	27
2.2 PROPOSTAS DIDÁTICAS: DIÁLOGOS ENTRE OBRAS E TEMPOS.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS .....	39

## INTRODUÇÃO

A literatura possui um papel extremamente importante na formação do aluno leitor, principalmente no ambiente escolar onde acontece essa interação entre o sujeito e o universo literário. Ler é uma das atividades mais importantes do indivíduo letrado, pois podemos ler para nos informar, para nos aperfeiçoar em determinada área do saber ou simplesmente como forma de entretenimento, ou seja, a leitura do texto literário pode nos subsidiar em todas essas funções.

Outra característica da literatura é problematizar através dos seus textos a realidade em que nos encontramos inseridos, ao abordar temas que fazem parte da vivência dos alunos ela passa a ser vista por eles de forma diferente, a recepção de obras que abordam temas polêmicos e atuais tem sido extremamente positiva em sala de aula. A partir do processo de leitura com significações profundas e transformadoras, que requerem a ação da subjetividade, da inteireza do aprendiz, fica demonstrada a funcionalidade da concepção dinâmica e pertinente de ler que a literatura pode nos proporcionar.

Dessa forma, a nossa pesquisa se propõe a abordar o ensino da literatura brasileira na escola, para isso tomaremos como objeto de estudo o ensino da literatura no Ensino Médio Regular da EEEFM Senador Humberto Lucena, que funciona nos três turnos na cidade de Cacimba de Dentro – PB. No primeiro capítulo da pesquisa enfatizaremos o ensino de literatura brasileira na escola, tentando mostrar como acontece o ensino tradicional, caracterizando o falseamento da literatura ao se trabalhar com gêneros literários em sala de aula. No segundo capítulo, buscaremos mostrar alguns problemas e também as possibilidades existentes na escola Senador Humberto Lucena com relação ao ensino da literatura. Investigaremos de que forma o ensino de literatura é aperfeiçoado na escola, destacando os aspectos positivos e negativos dessa metodologia, buscando, nesse sentido, elaborar proposta de intervenção para que esse ensino seja de fato otimizado.

## 1. O ENSINO DA LITERATURA BRASILEIRA NA ESCOLA

O ensino da literatura brasileira na escola é realizado na disciplina de Língua Portuguesa, o professor titular dessa disciplina normalmente fragmenta a disciplina em dois momentos, o ensino da língua e o da literatura com horários e datas a ser combinado com os alunos para que estes possam realizar as leituras e adquirir o material didático da aula.

Atualmente as aulas de literatura no Ensino Médio se limitam a trabalhar fragmentos de obras, alguns contos e poemas, dificilmente são elegidas obras completas para a leitura e eventuais trabalhos avaliativos ou não a partir da leitura da obra, isso se dá em decorrência de alguns por menores que dificultam o trabalho do profissional da disciplina e um melhor desempenho dos alunos. Um dos principais problemas que impem os alunos de ler as obras completas nas escolas públicas do Brasil hoje é o acervo da biblioteca escolar, em muitos casos a biblioteca não dispõe de obras literárias que atendam a demanda dos alunos, em outros casos a biblioteca funciona apenas como depósito de livros, falta profissional capacitado para catalogar os livros e controlar a saída deles através de empréstimos, uma possível solução para este problema seria adquirir as obras completas na internet, no entanto, nem todos os alunos possuem internet em casa, algumas escolas não dispõe de máquina fotocopadora para a impressão do material do aluno e por fim em alguns casos falta o hábito de leitura dos alunos que se negam a realizar esse tipo de atividade.

O que nós professores de literatura percebemos é que o interesse maior dos alunos pela literatura brasileira se dá devido ao exame de seleção ENEM, os alunos sabem que a literatura é uma disciplina exigida no ENEM anualmente, sendo assim, se faz necessário conhecer seus estilos, seus autores e, conseqüentemente, as obras desses autores.

Essas aulas normalmente se limitam a leituras e estudos dirigidos, os alunos geralmente solicitam outros recursos didáticos como suporte para as aulas de literatura, como por exemplo, exibição de filmes e/ou documentários, porém ao se trabalhar obras literárias em sala de aula a partir de adaptações fílmicas, torna-se necessário que o professor tenha um certo domínio da chamada literatura

comparada e que seja capaz de transmitir aos alunos a diferença existente entre o texto original e impresso e a adaptação fílmica.

Além disso, se faz necessário educar os alunos de que não devemos estudar literatura apenas a partir de informações históricas e técnicas precisas. Mas, devemos estudá-la a fim de exercitar a leitura e a escrita, o trabalho criativo com a linguagem e a prática da expressão livre.

Vejam os pensamentos de Antonio Candido (1995, p.174) sobre o conceito de literatura:

Chamarei de Literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.

E não há lugar mais apropriado para o aluno entrar em contato com a literatura do que a escola, é lá que começamos a ler, a conhecer e a valorizar a nossa produção artística e cultural, é a partir do conhecido sistematizado na escola que percebemos o seu valor criativo, estético e poético e, começamos a percebê-la como uma manifestação universal de todos os povos e tempos.

## **1.1 ENSINO TRADICIONAL: O FALSEAMENTO DA LITERATURA**

O ensino da literatura deve perpassar simples apontamentos realizados a respeito dessa ou daquela corrente literária, a literatura deve ser trabalhada de forma que suscite no leitor o gosto pela leitura, especificamente pela leitura dos textos literários, ela deve desafiar os leitores a querer conhecer, entender, pesquisar sobre este universo que nos é apresentado como um misto de ficção e realidade.

E, tomando aqui a ideia inicial de que a condição de sujeito é a condição de uma crise contínua, entendamos que aprender literatura é também o aprendizado dessa crise na disposição das singularidades que ela implica. Tão espinhosa quanto a produção de um discurso próprio, a escuta da literatura é como o desafio de qualquer nova experiência. Escamotear essa premissa é cair em

substitutivos falsos de facilitação de tarefas que têm sido uma das causas principais do extremo marasmo de quase toda a produção contemporânea (literária ou não). Literatura fácil; teorias fáceis; modo fáceis de leitura – banalidades de um conceito de escola que, em nome de uma pretensa adequação às aspirações do aluno, antecipa o seu desejo e lhe veda o direito aos desafios (GERALDI, 2012, p. 31).

Na primeira série do Ensino Médio geralmente o professor introduz no plano de ensino anual da turma o conceito de literatura e a diferença entre texto literário e não literário e normalmente costuma ser a aula inicial de literatura no Ensino Médio, as vezes o aluno não consegue compreender o que torna um texto literário e/ou não literário apenas nessa aula e no decorrer do ano letivo é que essa distinção começa a ser entendida pelo aluno, porque como sabemos o ensino da literatura não deve ocorrer de forma fragmentado como se esse conceito fosse uma receita pronta que o aluno deve decodificar imediatamente. Na verdade, ensinar literatura requer do professor muita leitura e pesquisa, em determinadas situações o professor precisa buscar formas e métodos próprios que possam responder as indagações dos seus alunos.

Falta muito para a literatura ter um lugar, no sentido de pertencer plenamente à comunidade escolar. Por exemplo, embora no âmbito dos estudos literários há tempos se discuta o fato de não ser o tema o que faz um texto ser literário, é comum considerar apenas esse aspecto. Mudar tal prática demandaria do professor um esforço (pessoal e solitário, na maioria das vezes) permanente de pesquisa, levando-o a colocar a sua própria pesquisa, no momento da preparação das aulas, em uma posição privilegiada (RIOLFI, 2014, p 79).

Um das funções da literatura é discutir questões civilizadoras e moralizadoras da sociedade, levando os alunos a (re)pensar suas práticas e refletir sobre a questão da alteridade, pois a literatura é a representação das práticas executadas pela sociedade, se pensarmos aqui no Realismo, assunto trabalhado atualmente na segunda série do Ensino Médio, teremos a obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, que faz um panorama sobre a realidade vivenciada pelos moradores de cortiços no Rio de Janeiro do século XIX. A obra nos faz refletir sobre as condições atuais dos moradores de algumas comunidades (favelas) do Rio de Janeiro, além disso, o romance apresenta algumas relações de poder representadas

principalmente pelas personagens João Romão e Bertoleza, esta última uma escrava que é convencida a entregar toda a sua economia a João Romão em troca de uma carta de alforria falsa, além de ser enganada ela sem saber o ajuda a construir o cortiço São Romão e a continuar em uma posição privilegiada diante dela e de outras personagens. Essas discussões em sala de aula devem despertar no alunado o seu senso crítico e reflexivo diante de temáticas tão polêmicas como esta.

As aulas devem inspirar os alunos a produzir sobre tais temas e não apenas receber o texto pronto e repleto de questões formuladas pelo professor para a turma responder, uma vez que estudar literatura também é discutir sobre o cotidiano em que o aluno encontra-se inserido.

Literatura, especialmente no Ensino Fundamental, serve, em geral, para discutir questões educacionais, moralizadoras, civilizadoras e pedagógicas. A generalização dessa concepção de literatura criou um engodo sem tamanho e alimenta todo um mercado editorial que criou réplicas mirins de *best sellers* oferecidos aos adultos (RIOLFI, 2014, p. 80).

Outra questão preocupante que envolve o ensino da literatura atualmente é o número considerável de alunos que afirmam não gostar de ler, além disso, afirmam não ter tempo para ler, isso nos mostra que o hábito da leitura deve ser estimulado no aluno ainda na infância, nas séries iniciais do ensino básico, deve também ser estimulado fora do espaço escolar, a família deve incentivar a criança a ler por prazer, deve ler junto com essa criança, dessa forma o aluno começará a estreitar os laços com a atividade de leitura.

Alguns alunos quando chegam ao Ensino Médio afirmam nunca ter estudado literatura, o que acontece na verdade é que no Ensino Fundamental muitos professores trabalham com interpretações de textos, peças teatrais inspiradas em textos literários, mas não coloca para o aluno que se trata de literatura, então ainda imaturos os mesmos não se dão conta que sempre estudaram a literatura.

A superficialidade no ensino da literatura se dá também a partir das eleições das obras a serem lidas e aqui temos duas questões, se a obra é indicada pelo professor os alunos as vezes reclamam porque não se interessam pela narrativa, se a escolha do livro é feita pelo aluno, ele prefere um livro que mais se parece um manual de autoajuda se pautando assim numa prática mais facilitadora de leitura.

Em nome de uma pretensa “formação global” do adolescente, os livros mais parecem manuais de autoajuda, desinteressantes, mal escritos, que não cumprem outra função senão a de fazer o jovem se desinteressar pela literatura. Assim, o resultado é uma formação às avessas: o aluno sai da escola pensando que literatura são histórias chatas em que personagens mais chatas ainda dizem o que deve ser feito e, sobretudo, o que não se deve fazer (RIOLFI, 2014, p. 80-81).

Enquanto professora de literatura do Ensino Médio, percebo uma maior rejeição por parte dos alunos quando tentamos ensinar literatura a partir de textos poéticos, o gênero lírico geralmente só consegue atrair a atenção dos alunos quando trabalhado a partir de músicas. O falseamento no universo literário parti também dos chamados paradidáticos que existem nas bibliotecas escolares, vejamos:

Ao chegarmos a esse ponto, no reconhecimento de que a literatura é algo diverso e muito além da função didática, resta-nos tratar de outra questão: muitos dos livros existentes nas bibliotecas escolares não nos servem, se quisermos tratar de questões mais específicas à literatura. Os chamados paradidáticos, salvo raríssimas exceções, deveriam ser varridos do horizonte escolar. Na sua maioria, postulam um tipo de leitor programado, deduzem uma espécie de mediocridade generalizada, por isso a existência de tantos textos “facilitados”, operadores de uma pedagogia que afirma que os bons serão compensados, e os maus, castigados (RIOLFI, 2014, p. 81-82).

Cabe ao professor iniciar com seus alunos uma força tarefa para desmistificar todos esses obstáculos mencionados acerca do ensino da literatura, é preciso planejar e preparar essas aulas juntos professores e alunos, cada um com a sua competência para que juntos possam conhecer e entender a importância que tem a literatura para o ser enquanto leitor e enquanto aluno/leitor.

## **1.2 GÊNEROS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA**

Um dos gêneros literários mais lidos hoje nas escolas é o épico (narrativo), principalmente na terceira série do Ensino Médio por ser uma exigência dos vestibulares e seleções para o ingresso no Ensino Superior, o professor precisa se

aprofundar nas obras eleitas para a seleção de cada ano. O gênero dramático tem sido muito bem recepcionado pelos alunos, pois eles gostam de ler e dramatizar através de peças teatrais, ao se trabalhar o *auto*, texto de caráter religioso característico do gênero dramático, os alunos logo citam a obra do autor Ariano Suassuna *O Auto da Compadecida*, por ter sido traduzida para o cinema ficando conhecida nacionalmente.

O gênero lírico, poemas e poesias, não costuma agradar muito os alunos, percebemos que eles não gostam muito de ler poemas e gostam menos ainda de escrevê-los, essa rejeição talvez possa ser explicada a partir das palavras de Todorov na citação a seguir.

A principal dificuldade vem do caráter heterogêneo e estratificado da obra literária. Para descrever exhaustivamente um poema, devemos colocar-nos sucessivamente em diferentes níveis – fônico, fonológico, métrico, entonacional, morfológico, sintático, léxico, simbólico... – e levar em conta suas relações de interdependência (TODOROV, 2008, p. 31).

Percebemos que essa descrição do funcionamento sistemático de um poema, por exemplo, requer atenção, pesquisa e dedicação do aluno, uma vez que o universo da análise do texto literário ainda se apresenta complexo para eles. Os alunos preferem estudar o gênero lírico através de letras de músicas, dedicando-se apenas a interpretação do conteúdo do texto, estabelecendo relações entre o texto e o meio em que se encontram inseridos, analisando diversas questões que as letras das músicas abordam e que de fato fazem sentido para eles como, por exemplo, questões religiosas, morais, étnico – raciais, sexuais, socioeconômicas dentre outras que eles consideram relevantes para a discussão em sala de aula.

Essas questões contemporâneas presentes na literatura e abordadas nos seus diversos gêneros é que tem permeado o imaginário dos nossos alunos. A busca pela compreensão de tanta desigualdade, violência e injustiças, os fazem querer conhecer cada vez mais uma literatura de cunho contemporâneo e as suas diversas vertentes na atualidade como, por exemplo, a literatura *queer*, a literatura afro-brasileira, a literatura de massa, a literatura de gênero, a literatura do subalterno, porém é preciso esclarecer que não cabe a literatura mostrar a resolução para tais discussões, mas sim problematizá-las, como nos afirma Bueno.

Evitando-se, desde logo, os falsos problemas teóricos e analíticos, não se trata de um campo configurado e legível que a forma literária

pudesse diretamente espelhar, imitar, refletir ou copiar, sem maiores problemas. Longe disso, trata-se da vida cotidiana na cidade e na metrópole capitalista como campo configurado de opacidades, de sinais que estabelecem comunicação difícil e distorcida, não cabendo à forma literária tornar esse lugar legível e transparente, confortável e pacificado. Talvez seja mesmo mais produtiva a hipótese da forma literária como lugar de elaboração, também sutil e complexa, sempre contraditória, desse campo configurado da vida cotidiana e da experiência urbana (BUENO, 2002, p. 221).

Segundo Todorov (2008, p. 54), “A literatura se revela portanto não só como o primeiro campo que se pode estudar a partir da linguagem, mas também como o primeiro cujo conhecimento possa lançar uma nova luz sobre as propriedades da própria linguagem”, dessa forma, através da linguagem literária torna-se possível lançar uma nova luz acerca de tantas polêmicas que surgem na sala de aula e que partem muitas vezes da curiosidade dos discentes sobre o conhecimento prévio dos mesmos diante de temas polêmicos, como também sobre as novas contribuições que a literatura poderá trazer a respeito de tais polêmicas.

O gênero narrativo também leva o aluno a refletir sobre questões atuais, mesmo quando as obras literárias já foram escritas há um bom tempo e são consideradas cânones da literatura brasileira como, por exemplo, o romance da escritora Rachel de Queiroz *O Quinze*, que convida o aluno/leitor a refletir sobre a seca enfrentada atualmente pelo homem nordestino, mas também pelos habitantes de outros estados brasileiros. O tema deste romance é a seca, enfocando a dimensão social, sem deixar de lado a análise psicológica de várias personagens. A marcha penosa e trágica de Chico Bento, que representa o retirante, constitui o núcleo dramático da obra. Paralelamente, desenvolve-se o drama da impossibilidade de comunicação afetiva entre Vicente e Conceição, ele, um proprietário rural sensível à miséria que o rodeia, mas impotente para eliminá-la, ela, uma moça da cidade, atraída pela figura livre e franca de Vicente, mas que não consegue penetrar em seu mundo rude, quase selvagem.

O trecho a seguir retirado do livro *O Quinze* mostra um dos momentos da penosa travessia que a família de Chico Bento realiza do sertão castigado pela seca.

*“Eram duas horas da tarde.*

*Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:*

- Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca.

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as idéias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuacu que parecia ter passado perto deles, Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu.

Mais longe, numa volta da estrada, a telha encarnada de uma casa brilhava ao sol. Lentamente, Chico Bento moveu os passos trôpegos na sua direção.

De repente, um bé!, agudo e longo, estridulou na calma.

E uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla de galhos secos do caminho, aguçando os rudimentos de orelha, evidentemente procurando ouvir, naquela distensão de sentidos, uma longínqua resposta a seu apelo.

Chico Bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afogueados.

O animal soltou novamente o seu clamor aflito.

Cauteloso, o vaqueiro avançou um passo.

E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra.

Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela.

Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas. Rapidamente iniciou a esfolação. A faca afiada corria

entre a carne e o couro, e, na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava ali a pele, deixando-a quase transparente.

Mas Chico Bento cortava, cortava sempre, com um movimento febril de mãos, enquanto o Pedro, comovido e ansioso, ia segurando o couro descarnado.

Afinal, toda a pele destacada, estirou-se no chão.

E o vaqueiro, batendo com o cacete no cabo da faca, abriu ao meio a criação morta.

Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:

- Olha, pai!

Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas.

Agitava os braços em fúria, aos berros:

- Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!

Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.

O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro.

Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra.

Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

- Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensangüentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.

O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.

Pedro, sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

Chico Bento ainda esteve uns momentos na mesma postura, ajoelhado.

*E antes de se erguer, chupou os dedos sujos de sangue, que lhe deixaram na boca um gosto amargo de vida.*” (QUEIROZ, 2004, p. 69-70-71-72-73)

A partir da leitura desse trecho da obra é possível iniciarmos várias discussões em sala de aula com os alunos, formando rodas de leituras, mesas – redondas, produzindo textos, ilustrando as cenas descritas no texto e etc., principalmente analisando a situação socioeconômica das personagens que nessa passagem do texto se apresentam para nós leitores como invisíveis para a sociedade e o governo, como se na condição de retirantes fosse normal faltar-lhes tudo, restando apenas um gosto amargo de vida.

Contextualizar historicamente a obra é importante para que os alunos entendam que *O Quinze* foi escrito no Modernismo de 30 e, que o título se refere à grande seca de 1915, vivida pela escritora em sua infância. Sem dúvida a parte mais importante do livro apresenta a marcha trágica e penosa do vaqueiro Chico Bento com sua mulher e seus 5 filhos – que foi apresentada no trecho aqui transcrito – representando os retirantes. Ele é forçado a abandonar a fazenda onde trabalhara. Junta algum dinheiro, compra mantimentos e uma burra para atravessar o sertão. Tinham o intuito de trabalhar no Norte, extraindo borracha.

Os aspectos sociais, políticos e históricos formam um conjunto de fatores desencadeadores dos destinos das personagens aqui abordadas, todas destinadas a lutar por uma condição socioeconômica que fosse capaz de suprir pelo menos as necessidades básicas de um cidadão trabalhador e de devolver a dignidade que lhes fora tirada pelos rastros da seca. Com relação à caracterização das personagens, percebemos que os traços do homem sertanejo prevalece, são personagens que retratam o meio rural de ser e de viver dotadas de uma certa ingenuidade próprias dessa gente. Percebemos ainda a paixão do homem pelo meio em que vive, aceitando apenas numa situação de extrema calamidade socioeconômica a sua condição de emigrante, condenado a peregrinação por terras desconhecidas em busca também do desconhecido.

## **2 A ESCOLA SENADOR HUMBERTO LUCENA E O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO REGULAR**

Sobre a localização da escola o regimento interno da mesma no ano de 2014 diz no seu Art. 1º que: A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Humberto Lucena (E.E.E.F.M. Senador Humberto Lucena), criada pelo decreto nº 9682 – 27/10/1982 do poder executivo estadual, localizada a Rua Manoel Olegário da Silva S/N, Bairro Santo Antônio, Cacimba de Dentro - PB, subordina-se a Secretaria de Estado da Educação – SEE/PB, com base na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas normas educacionais, no Estatuto da Criança e do Adolescente, e reger-se-á por este regime interno.

Parágrafo Único – A EEEFM Senador Humberto Lucena é jurisdicionada a 2ª Gerência Regional de Educação, com sede na cidade de Guarabira – PB.

Nas fotos 01 e 02 podemos ver a entrada da escola devidamente identificada com o nome da instituição pintado no lado externo do muro, ao lado do portão que dá acesso ao estacionamento da escola.



Fonte: EEEFM Senador Humberto Lucena

Nas fotos 03 e 04 podemos ver os blocos 01 e 02 que ficam na entrada da escola, no bloco 01 está pintado o logotipo da escola e no bloco 02 tem uma mensagem de boas vindas aos alunos e visitantes.



Fonte: EEEFM Senador Humberto Lucena

De acordo com o Art. 3º do regimento interno da escola no ano de 2014, são objetivos da escola:

- I – Estimular o conhecimento e o desenvolvimento psicossocial do educando, a partir de atividades didáticas, culturais, artísticas, esportivas e de lazer que forneçam experiências educacionais necessárias ao contínuo progresso da aprendizagem;
- II – Respeitar o ritmo e o desenvolvimento da criança e do adolescente, caminhando com eles no alcance de metas definidas para formação identitária, validando sua personalidade para intervenção social de acordo com as individualidades emergentes;
- III – Promover o bem estar físico, mental e social do educando, integrando-o em comunidade;
- IV – Proporcionar ao educando a formação necessária para o desenvolvimento e valorização das capacidades individuais como elemento da autovalorização, com foco na preparação e qualificação do cidadão para atuar como profissional em sociedade;
- V – Capacitar os alunos para o acesso ao ensino superior e técnico, através da aprovação crescente nos processos vestibulares e de seleção de concursos;

VI – Ser referência na participação em prêmios regionais e nacionais, além de promover ações para melhorar o índice de avaliação do ensino ofertado.

Nesses objetivos listados acima, percebemos que o ensino da literatura apresenta-se mais diretamente incluído nos incisos I, II e V, quando expõe respectivamente o estímulo as atividades culturais e artísticas, a formação identitária e a aprovação em vestibulares.

Ainda de acordo com o regimento no Art. 32º: A Biblioteca ou Sala de Leitura será mantida no estabelecimento com a finalidade de incentivar à pesquisa bibliográfica, à leitura e outras atividades de caráter cultural e pedagógico.

No entanto, a escola ainda não dispõe de profissionais responsáveis nos três turnos manhã, tarde e noite capazes de organizar, catalogar e zelar por este ambiente que deveria ser uma das prioridades da escola. Infelizmente a biblioteca não conta com um acervo de livros literários significativo para o ensino dessa disciplina e os livros paradidáticos que chegaram no início do ano encontram-se ainda guardados esperando ser catalogados para só então passarem a fazer parte do acervo da biblioteca escolar, os livros que basicamente auxiliam o ensino da literatura na escola são os livros didáticos escolhidos pelos professores e chegam à escola a cada dois anos. Parte do nosso acervo literário se perdeu em decorrência de empréstimos que não foram fiscalizados pelos antigos funcionários da biblioteca.

E finalmente, o Art. 40º diz que: O Ensino Médio, estruturado em 3 (três) séries anuais, tem a carga horária anual de 800 horas, distribuídas por, no mínimo, 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar, compreendido em dois períodos intercalados pelo recesso escolar, em cumprimento ao art. 24, inciso I, da lei nº 9.394/96, combinado com o art. 7º da Resolução nº 188/98 – CEE/SEE-PB.

§ São finalidades do Ensino Médio:

- I - consolidar e aprofundar conhecimentos, possibilitando o prosseguimento de estudos e a aptidão para o curso universitário;
- II – aprimorar a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e de pensamento crítico;
- III – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, preparando o educando para o exercício da cidadania.

Acrescenta-se no Art. 41º que: A organização das turmas do Ensino Médio fundamenta-se nos critérios estabelecidos pela SEE/PB, faixa etária e nível de desenvolvimento do aluno.

Atualmente a escola funciona com vinte e uma turmas do Ensino Médio regular distribuídas nos três turnos, sendo seis turmas da primeira série, sete turmas da segunda série e oito turmas da terceira série, todas juntas totalizam em torno de 450 alunos. Há na escola cinco professoras de Língua Portuguesa que dentro desta disciplina ensinam a literatura. Na biblioteca há aproximadamente 50 obras literárias de autores e autoras da literatura brasileira o que corresponde a apenas 11% dos alunos.

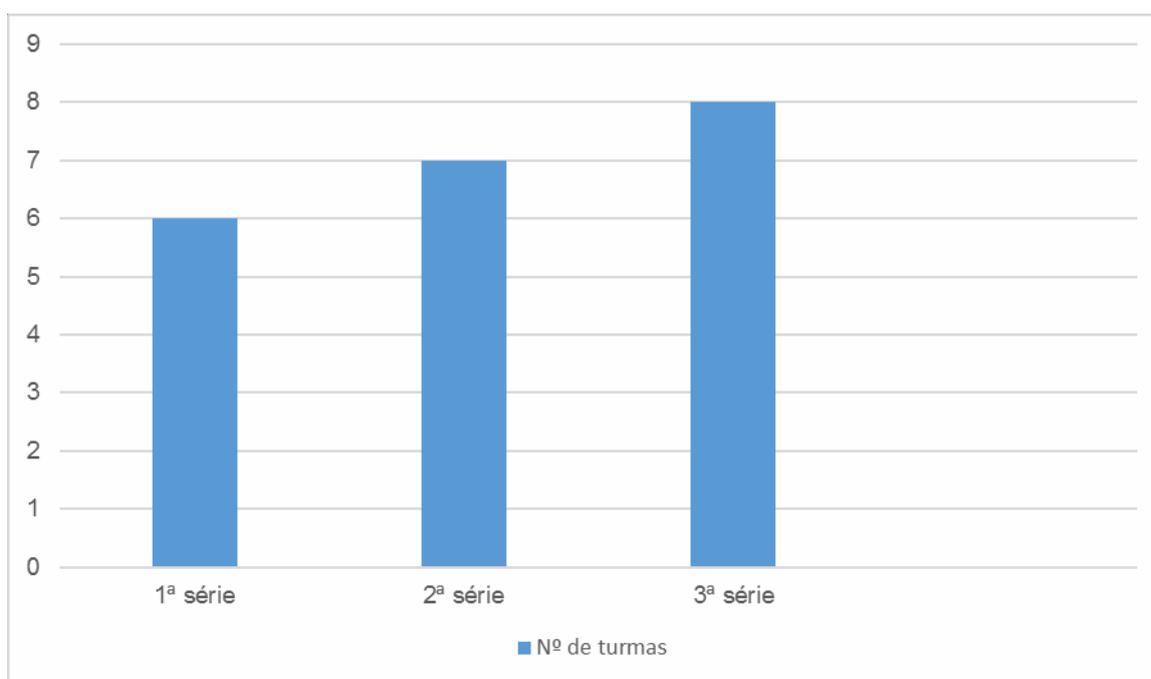


Figura 1: Número de turmas do Ensino Médio Regular da EEEFM Senador Humberto Lucena em 2014.

O gráfico nos mostra que a maioria dos alunos do Ensino Médio da escola supracitada estudam na terceira série dessa modalidade de ensino, ou seja, necessitam de maiores orientações nas leituras e interpretações das obras literárias, pois são exatamente estes alunos que irão tentar chegar ao Ensino Superior no ano seguinte, através de vestibulares e da seleção do ENEM, é preciso que haja por

parte dos professores estratégicas bem elaboradas que deem o suporte necessário aos alunos durante as aulas de literatura.

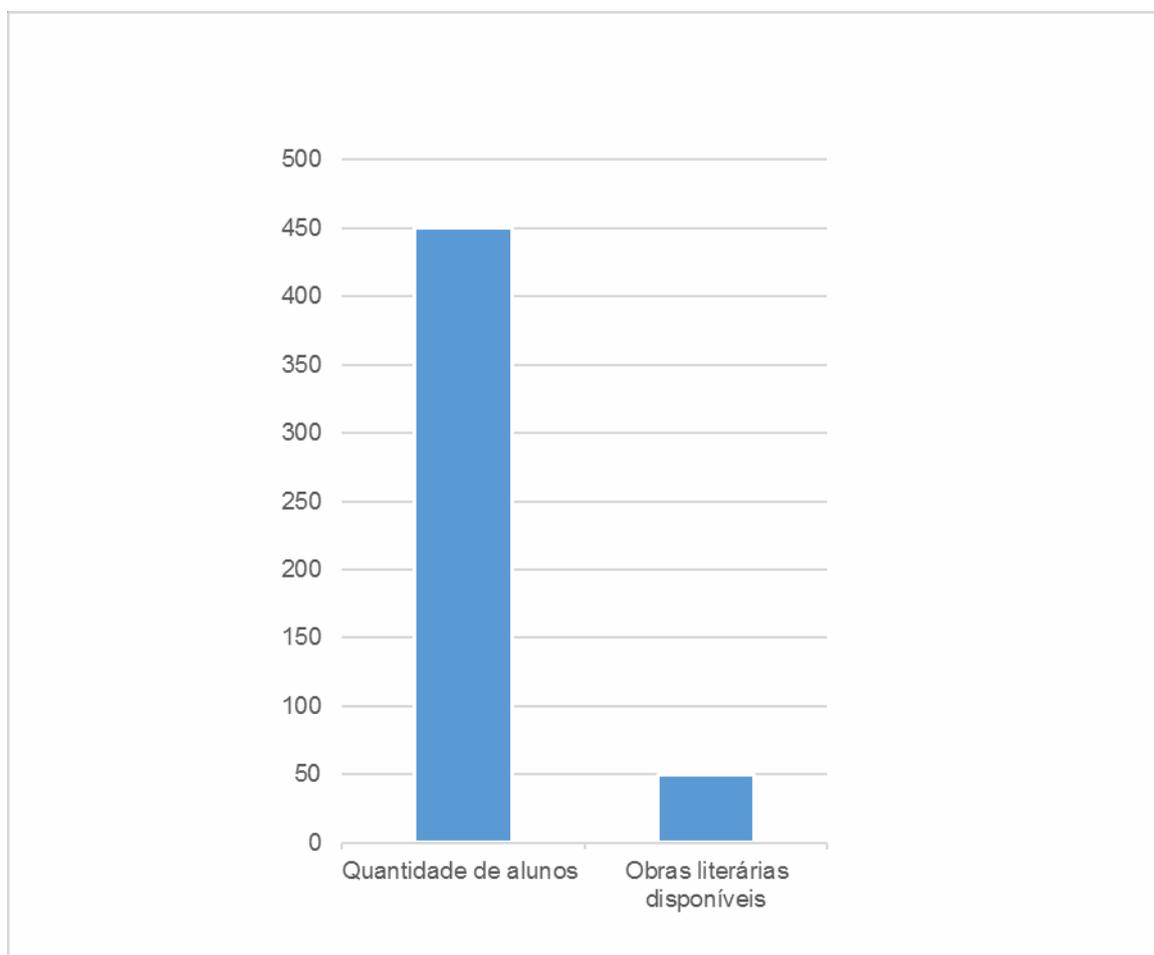


Figura 2: Quantidade de alunos que estudam o Ensino Médio na EEEFM Senador Humberto Lucena Versus obras literárias que fazem parte do acervo da biblioteca escolar.

Percebemos através da figura 2 que há um grande problema no ensino de literatura na escola Senador Humberto Lucena nesse ano de 2014, pois o número de obras literárias da escola torna-se insignificante se comparado ao número de alunos que frequentam o Ensino Médio nesta instituição. É preciso fazer uma espécie de rodízio de livros entre as turmas, porém nós sabemos que é quase impossível o acesso de pelo menos metade desses alunos aos livros disponíveis na escola, visto que em alguns casos os alunos precisam de pelo menos um bimestre para se aprofundar na leitura da obra e nas discussões dos temas.

Diante desses dados que acabamos de levantar, podemos perceber que existem alguns problemas na escola com relação ao ensino da literatura, mas que é

preciso pensar e encontrar algumas possibilidades que auxiliem os professores e os alunos durante as aulas, pois além de fazer parte do currículo escolar, a literatura também deve ser uma disciplina prática, no sentido de estimular os discentes a realizar leituras não apenas por obrigação, mas também por curiosidade, por prazer e para conhecer as mais variadas manifestações culturais e artísticas que fizeram e fazem parte da cultura brasileira, é o que nos afirma Sores (2007, p. 11) “O pragmatismo romano leva Horácio (65 a.C. – 8 a.C) a impor à literatura uma função moral e didática, devendo nela juntar-se o prazer e a educação”.

## **2.1 O ENSINO MÉDIO E A LITERATURA CRONOLÓGICA**

O ensino cronológico da literatura acontece com a divisão das escolas literárias por série e, isso pode ser bastante complexo, porque as escolas literárias e os autores que delas fazem parte acabam sendo estudados de forma isolada, não há um diálogo com as diferentes gerações e estilos de composição de textos.

Atualmente costuma-se trabalhar na EEEFM Senador Humberto Lucena na primeira série do Ensino Médio o conceito de literatura, texto literário e não literário, gêneros literários: lírico, narrativo e dramático, Literatura Medieval Portuguesa, Quinhentismo no Brasil, Barroco no Brasil e Arcadismo no Brasil. Já na segunda série do Ensino Médio é trabalhado o Romantismo em Portugal e no Brasil, o Realismo e o Naturalismo em Portugal e no Brasil, o Parnasianismo no Brasil e o Simbolismo em Portugal e no Brasil. Por fim, na terceira série do Ensino Médio estuda-se o Pré-modernismo, a Semana da arte moderna, a Primeira e segunda geração modernista brasileira e as tendências contemporâneas da literatura portuguesa e brasileira.

Cada escola literária, apresenta um estilo diferente e as suas manifestações ocorreram em determinada época com algum objetivo ou em oposição a outro movimento literário, quando o ensino acontece de forma isolada a tendência é que os alunos conheçam apenas o contexto histórico da época em que a escola literária surgiu e realizem leituras e pesquisas sobre a vida e a obra do autor. Porém, apenas citam os nomes das obras e os anos em que foram escritas, sem se deter em suas

temáticas, por vezes realizam leituras dos fragmentos das obras que estão presentes no livro didático adotado na escola.

Segundo Todorov (2010, p. 25),

Em toda matéria escolar, o estudo é confrontado a uma escolha – tão fundamental que na maior parte do tempo nem é percebida. [...] ao ensinar uma disciplina, a ênfase deve recair sobre a disciplina em si ou sobre seu objeto? E, portanto, em nosso caso: devemos estudar em primeiro lugar os métodos de análises ilustrados com exemplos de diversas obras? Ou estudarmos obras consideradas como essenciais, utilizando os mais variados métodos? Qual é o objetivo? E quais os meios para alcançá-lo?

Com os questionamentos de Todorov, se faz necessário que o professor de fato contextualize o texto a época em que ele foi escrito, é bem verdade que conhecendo a vida e os hábitos dos autores será mais fácil compreender suas obras, mas é preciso que haja um diálogo entre as obras estudadas pelos alunos em cada série do Ensino Médio, o que temos percebido é que os alunos estudam uma escola literária numa determinada série e precisará das contribuições dessa escola literária em séries seguintes para compreender o novo movimento literário que está estudando e, em alguns casos o aluno nem lembra as características daqueles textos estudados anteriormente e também não percebe a influência desses textos nos textos que está lendo no momento. Sobre esses aspectos, vejamos o que diz Bueno.

Como linha forte, temos uma herança de imaginação romântica – na música, na pintura, na poesia, no romance, no teatro – de alto nível estético, como uma capacidade de dar forma à percepção subjetiva do mundo moderno e suas rápidas mudanças, sem a qual não se entende a própria ideia de Modernidade, em suas relações contraditórias com a tradição clássica (BUENO, 2002, p. 131).

O autor coloca que o movimento romântico contribuiu com as ideias modernas e, que sem essa influência tornava-se difícil compreender a própria ideia de modernidade. O Romantismo foi um movimento do início do século XIX, o Modernismo enquanto movimento literário começou a se manifestar no início do



<p>Onde está você agora? (Peninha)</p>	<p>E voltará antes do prazo combinado, Ai, Deus, onde está?</p> <p>Está vivo e são! Voltará antes do prazo! Ai, Deus, onde está?</p> <p>(Cantiga de D. Dinis – adaptada por Alexandre Pinheiro Torres)</p>
--------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O primeiro texto é a transcrição da música *Sozinho*, de Peninha, compositor de música popular brasileira. O segundo é uma canção medieval, de autoria do reitrovador português D. Dinis. As mesmas características líricas de manifestação do “eu” vistas na música contemporânea *Sozinho* podem ser encontradas nas primeiras cantigas que dão início à literatura em Portugal. Apesar de mais de 600 anos separarem as duas composições e de estruturalmente serem muito diferentes, as duas canções trabalham um tema universal, que nunca envelhece, o amor.

Vejamos outra canção contemporânea que possui a mesma temática da poesia trovadoresca, trata-se da música *Não quero dinheiro (só quero amar)*, do cantor Tim Maia, em comparação com “Cantiga da Ribeirinha”.

<p><b>Não Quero Dinheiro (só quero amar)</b></p> <p>Vou pedir pra você voltar. Vou pedir pra você ficar. Eu te amo, eu te quero bem! Vou pedir pra você gostar. Vou pedir pra você me amar. Eu te amo, eu te adoro, meu amor...</p> <p>A semana inteira fiquei esperando Pra te ver sorrindo, Pra te ver cantando... Quando a gente ama, Não pensa em dinheiro: Só se quer amar, se quer amar, se quer amar</p> <p>De jeito maneira, Não quero dinheiro! Quero amor sincero, Isto é que eu espero. Digo ao mundo inteiro: Não quero dinheiro, Eu só quero amar!</p> <p>Te espero para ver se você vem,</p>	<p><b>Cantiga da Ribeirinha</b></p> <p>No mundo não conheço quem se compare a mim enquanto eu viver como vivo, pois eu morro por vós – ai! pálida senhora da face rosada, quereis que eu vos retrate quando eu vos vi sem manto! Infeliz o dia em que acordei, que então eu vos vi linda!</p> <p>E, minha senhora, desde aquele dia, ai, as coisas ficaram mal para mim, e vós, filha de D. Paio Moniz, tendes a impressão de que eu possuo roupa luxuosa para vós, pois eu, minha senhora, de presente nunca tive de vós nem terei o mimo de uma correia.</p> <p>(Paio Soares de Taveirós)</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Não te troco nesta vida por ninguém!          Porque eu te amo, eu te quero bem!          Acontece que na vida a gente tem          Que ser feliz por ser amado por alguém!          Porque eu te amo, eu te adoro, meu amor!</p> <p style="text-align: right;">(Tim Maia)</p>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Sabemos que o tema mais constante da poesia trovadoresca foi o amor impossível, pois, geralmente, a dama cortejada ou era casada ou pertencia a uma classe social superior à do trovador – ele, da pequena nobreza. Nesse caso, o amor nunca se realizava. Ao analisarmos a música de Tim Maia, encontramos algumas características de cantiga lírico – amorosa, os versos “*Quando a gente ama, / Não pensa em dinheiro*” e “*De jeito maneira / Não quero dinheiro*” enfatizam uma posição social desfavorável da pessoa que fala. Na Cantiga da Ribeirinha encontramos trechos que são análogos a essa colocação social como nos versos “*E vós, filha de Dom Paio Moniz / tendes a impressão de que eu possuo roupa luxuosa para vós*” e “*Pois eu, minha senhora / de presente nunca tive de vós nem terei o mimo de uma correia*”.

Se trabalhadas nessas perspectivas aqui apresentadas, certamente as cantigas trovadorescas deixará de ser apenas um texto complicado e de difícil entendimento para o aluno, por causa da sua linguagem medieval. Além disso, ao levar a canção contemporânea para a sala de aula o professor estará proporcionando ao aluno um ambiente de aprendizado e de descontração, já que a maioria dos discentes conhecem as duas músicas aqui citadas *Sozinho* e *Não quero dinheiro*, isso facilitará a atividade de análise dos textos medievais.

Sobre a poesia lírica de Camões que estuda-se no Classicismo em Portugal, observamos que o amor na poesia desse autor, aparece como um sentimento que eleva o homem, tornando-o capaz de atingir o bem, a beleza e a verdade, também aparece como um sentimento contraditório: de um lado, ele é manifestação de espírito, de outro, é manifestação carnal. Para Camões, o amor deve ser experimentado e não apenas intelectualizado. Dessa forma, uma proposta contemporânea para fazer os alunos compreenderem melhor as obras desse autor seria levar para a sala de aula a transcrição da música *Monte Castelo*, de Legião

Urbana e, compará-la com o soneto *Amor é fogo que arde sem se ver*, de Camões. Examinando a letra da música *Monte Castelo*, é possível encontrarmos analogias entre algumas colocações do compositor e certas posturas da poesia lírica de Camões. Vejamos:

<b>Monte Castelo (Legião Urbana)</b>	<b>Amor é fogo que sem se ver (Camões)</b>
<p>Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor eu nada seria</p>	<p>Amor é fogo que arde sem se ver; É ferida que dói, e não se sente; É um contentamento descontente; É dor que desatina sem doer;</p>
<p>É só o amor! É só o amor Que conhece o que é verdade O amor é bom, não quer o mal Não sente inveja ou se envaidece</p>	<p>É um não querer mais que bem querer; É um andar solitário entre a gente; É nunca contentar-se de contente; É um cuidar que ganha em se perder;</p>
<p>O amor é o fogo que arde sem se ver É ferida que dói e não se sente É um contentamento descontente É dor que desatina sem doer</p>	<p>É querer estar preso por vontade; É servir a quem vence, o vencedor; É ter com quem nos mata, lealdade.</p>
<p>Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor eu nada seria</p>	<p>Mas como causar pode seu favor Nos corações humanos amizade, Se tão contrário a si é o mesmo Amor?</p>
<p>É um não querer mais que bem querer É solitário andar por entre a gente É um não contentar-se de contente É cuidar que se ganha em se perder</p>	
<p>É um estar-se preso por vontade É servir a quem vence, o vencedor É um ter com quem nos mata a lealdade Tão contrário a si é o mesmo amor</p>	
<p>Estou acordado e todos dormem Todos dormem, todos dormem Agora vejo em parte Mas então veremos face a face</p>	
<p>É só o amor! É só o amor Que conhece o que é verdade</p>	
<p>Ainda que eu falasse A língua dos homens E falasse a língua dos anjos Sem amor eu nada seria</p>	

Se compararmos os versos da música do Legião Urbana, Monte Castelo, *“É só o amor! É só o amor /Que conhece o que é verdade/ O amor é bom, não quer o mal/ Não sente inveja ou se envaidece”*, com os seguintes versos do soneto de Camões: *“Amor é fogo que arde sem se ver”, “É ferida que dói, e não se sente”, “É um contentamento descontente” e “É dor que desatina sem doer”*, logo, perceberemos o caráter complexo e contraditório desse sentimento tão sublime que é o amor. No entanto, a letra de “Monte Castelo”, que é inspirada em Camões, promove uma espécie de celebração, no qual o presente inspirado na canção do Legião Urbana, recupera o que Camões apresenta em um período bem anterior. Nesse caso, o que isso significa? Um modo de mostrar a literatura de uma forma diacrônica, ou seja, são as transformações que ocorrem através do tempo e que são recuperadas em uma canção no presente, com citações da canção realizada no passado.

Esse diálogo é necessário também com o estilo e a escrita de autores que viveram em tempos distintos e que pertenceram a movimentos literários diferentes. Tomarei como exemplo aqui os poetas Augustos dos Anjos e Manuel Bandeira. As obras de Augusto dos Anjos revelam raízes simbolistas, porém o poeta era extremamente original, ocupando um lugar a parte em nossa literatura, seus temas mais frequentes eram a morte, o nada, a decomposição da matéria. Mesmo assim, não podemos enquadrar o poeta paraibano em uma categoria, uma vez que a sua produção literária ultrapassa épocas literárias, temáticas e estilos. Se a temática da morte é repetitiva em sua obra, assim, como as discussões sobre cemitérios, esqueletos, vermes e outras formas inorgânicas, a percepção do poeta em relação à filosofia, quando expressa em seus versos reflexões sobre o nirvana, por exemplo, ultrapassa as temáticas já elaboradas anteriormente. Augusto dos Anjos fica, então, um poeta conhecido apenas como o “poeta tísico”, “poeta da morte e dos vômitos”, sendo que a sua obra mostra uma referência que ultrapassa esses estereótipos. Dessa forma, é um poeta que tanto pode transitar no discurso simbolista como no discurso modernista, pois a produção do autor permite tais leituras e compreensões.

Manuel Bandeira, inserido no período modernista, tem uma poética voltada para uma linguagem simples, coloquial e irônica, embora os versos mantenham um tom lírico e melancólico, que remontam o Simbolismo. Seus temas giram em torno do tempo que passa, da morte, da saudade da infância. Augusto dos Anjos e Manuel

Bandeira têm em comum um tom melancólico das obras e o tema da morte. É preciso compararmos as semelhanças e as diferenças entre esses autores a respeito da morte. Para Manuel Bandeira, a morte era sua amiga e, ele utilizava várias nomenclaturas para representá-la, dificilmente a palavra morte aparece inserida em seus poemas. Augusto dos Anjos já utilizava um vocabulário quase totalmente das ciências biológicas e abordava a morte como a decomposição da matéria. Observe na análise a seguir do poema *A Dama Branca*, como a morte era metaforizada por Manuel Bandeira.

Por ter visto a morte tão de perto, ao ser desenganado ainda muito jovem, a mesma aparece como “Dama Branca” para Manuel Bandeira no poema *A Dama Branca* publicado em seu segundo livro intitulado *Carnaval*, em 1919. O título do poema apresenta a morte vestida de branco que aparece sorrindo nos bons e nos maus momentos, a morte se configura como íntima do autor, sendo assim dispensa o luto. As estrofes desse poema se restringem a quatro versos e, enquanto leitores poderíamos associar isso a ideia de restrição de vida, resultado do contato ou proximidade do autor com a morte.

A seguir vejamos a transcrição do poema:

A DAMA BRANCA  
A Dama Branca que eu encontrei,  
Faz tantos anos,  
Na minha vida sem lei nem rei,  
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era sorriso de compaixão?  
era sorriso de zombaria?  
Não era mofa nem dó. Senão,  
Só nas tristezas me sorriria.

E a Dama Branca sorriu também  
A cada júbilo interior.  
Sorria como querendo bem.  
E todavia não era amor.

Era desejo? - Credo! de tísicos?  
Por histeria... quem sabe lá?  
A Dama tinha caprichos físicos:  
Era uma estranha vulgívaga.

Era... era o gênio da corrupção.  
Tábua de vícios adúlteros.  
Tivera amantes: uma porção.  
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,  
 Se lhe furtava sarcástica.  
 Com uns perjura, com outros fria,  
 Com outros má,

- A Dama Branca que eu encontrei,  
 Há tantos anos,  
 Na minha vida sem lei nem rei,  
 Sorriu-me em todos os desenganos.

Essa constância de anos a fio,  
 Sutil, captara-me. E imaginais!  
 Por uma noite de muito frio,  
 A Dama Branca levou meu pai.

Essa senhora Dama Branca que aparece no poema nos é apresentada como uma senhora nobre e poderosa, o autor nos deixa clarividências de que a morte é a única luz no fim da nossa caminhada. Na primeira estrofe percebemos que a morte se apresenta para o eu lírico há muito tempo atrás e ela chega sem pedir licença, o que remete a juventude do autor quando o mesmo foi desenganado por causa de uma doença virtualmente letal.

Condenado a morrer, a morte se caracterizou como o tema preferido de Manuel Bandeira, mas podemos perceber em seus poemas que ele retrata a morte de forma irônica e otimizada como, por exemplo, no quarto verso da sétima estrofe do poema aqui analisado, vejamos:

- A Dama Branca que eu encontrei,  
 Há tantos anos,  
 Na minha vida sem lei nem rei,  
 Sorriu-me em todos os desenganos.

Sobre a representação da morte na poesia de Manuel Bandeira percebemos que o autor não tem a intenção de conceituá-la, atribuindo-lhe diversas nomenclaturas irônicas e/ou sarcásticas como, por exemplo, “Desencanto”, “Consoada”, “A indesejada da gente”, “Dama Branca” e etc.

Mesmo quando se realiza na sua maior constante, a morte, sua poesia é isenta de intenções ou conceitualismos. Diante dela não blasfema, não constrói mundos para superá-la, não a recebe com a grandiloquência dos santos nem com o temor dos pecadores. Recebe-a docemente, como um fato perfeito na ordem natural das coisas. (MORAES, 1971, p. 156)

Dessa forma, torna-se perceptível para nós leitores a familiaridade de Manuel Bandeira com a morte, ao recebê-la docemente metamorfoseando-a sempre que possível, tornando-se uma espécie de “amigo da morte”. Enfim esse era o tão esperado encontro que iria completar a sua experiência a “Dama Branca” que um dia levou seu pai e a qualquer momento viria ter com ele sem pedir licença para assim levá-lo também.

Observe agora a transcrição do poema intitulado *Psicologia de um vencido*, do poeta Augusto dos Anjos.

#### Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
 Monstro de escuridão e rutilância,  
 Sofro, desde a epigênese da infância,  
 A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,  
 Este ambiente me causa repugnância...  
 Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas-  
 Que o sangue podre das carnificinas  
 Come, e à vida em geral declara guerra.

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
 E há de deixar-me apenas os cabelos,  
 Na frialdade inorgânica da terra!

O poeta começa introduzindo seu primeiro personagem, o EU, as duas primeiras estrofes serão um desdobramento deste personagem. Prestem atenção para a igualdade Eu, filho do carbono, monstro de escuridão e rutilância. Em primeiro lugar, notem a palavra carbono, o carbono é um elemento químico, que forma vários compostos importantes, dentre eles os mais importantes são os compostos orgânicos presentes em todos os vegetais e animais, ou seja o carbono é uma das bases da vida, o eu-lírico ao se declarar filho do carbono está o fazendo no sentido de informar que ele é filho da matéria no seu sentido mais simples.

Augusto dos Anjos também faz referência a oposição vida e morte na terceira estrofe do poema quando afirma que a vida em geral declara guerra ao verme (operário das ruínas). Dessa forma, percebemos a diferença entre a linguagem empregada por Manuel Bandeira e Augusto dos Anjos para falar da morte e, a

diferença na maneira de abordá-la em seus textos, essas diferenças devem ser colocadas para os alunos para que estes possam perceber as diferentes formas em que a morte pode se apresentar e ser problematizada dependendo do estilo do autor.

Proponho essas atividades aqui, porque acredito que o ensino da literatura pode ser modificado desde que traga da contemporaneidade ou da modernidade textos que dialoguem com os apresentados nas diversas escolas literárias. Essas intervenções são necessárias para que o aluno possa refletir sobre esses diálogos que existem entre as obras literárias e o tempo em que foram escritas e em que estão sendo escritas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao termino da pesquisa pudemos constatar que o ensino da literatura na EEEFM Senador Humberto Lucena tem enfrentado alguns problemas que impedem que essa atividade seja realizada em sua plenitude. O principal problema é a falta do material impresso, ou seja, um número quase insignificante de exemplares da literatura brasileira na biblioteca da escola, outro fator negativo abordado na pesquisa foi a falta de interesse de alguns alunos pelos estudos literários.

No entanto, procuramos propor algumas possibilidades que poderão auxiliar o ensino da literatura no sentido de melhor conduzir as leituras dos discentes, para assim obter os resultados esperados durante as aulas, que são a leitura efetiva dos textos literários com o auxílio do professor e de outros textos e a participação contínua dos alunos nas discussões levantadas a partir das leituras realizadas.

Uma das propostas aqui sugeridas foi trabalhar o texto literário comparando-o com outro texto da atualidade em que ambos abordem a mesma temática, espera-se que esse tipo de atividade possa facilitar a interpretação, a reflexão e o entendimento do aluno diante das questões problematizadas pela literatura. Dessa forma, chegamos à conclusão de que só será possível obtermos bons resultados no ensino da literatura brasileira nas escolas se esse trabalho for planejado, desenvolvido e executado de forma mútua, ou seja, todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem da instituição, principalmente professor e aluno se comprometerem a buscar sempre soluções para resolver as questões que por ventura possam impedir essa atividade em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Santa Catarina: Avenida, 2012.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BUENO, André. *Formas de crise; estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- Canção. *Monte Castelo*. Legião Urbana do álbum *As Quatro Estações*. Composição de Renato Russo. Lançamento 1989.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Literaturas brasileiras e portuguesa teoria e texto*. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros; a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- DE PIETRI, Émerson. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. 2ª ed. Rio de Janeiro; Ediouro, 2009.
- GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto em sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.
- MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MORAES, Emanuel de (Org.). *Seleta em prosa e verso, de Manuel Bandeira*. Coleção Brasil Moço vol. Nº. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- PINHEIRO, Helder; PEREIRA, Jaquelânea Aistides; SILVA, Maria Valdênia da; NETO, Miguel Leocádio Araújo (Orgs.). *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.

PONTES, Juca. *Vida e poesia de Augusto dos Anjos: para crianças. Jovens e adultos*. Ilustrações Lelo Alves. João Pessoa: MVC Editora, 2014.

QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. 75ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RIOLFI, Claudia [et. Al.]. *Ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SILVA, Vera Tietzmann. *Leitura literária e outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone – Moisés. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira – Rio de Janeiro: Difel, 2010.